

Povos Indígenas no Brasil

Fonte Veja Class.: 109
 Data 09/01/91 Pg.: 44-45

ECOLOGIA



Destruição por queimada na Amazônia: cenário de desolação que parou de crescer

nuiu. Um grupo de 226 fotografias enviadas por outro satélite americano, o Landsat, que estão sendo processadas pelo Inpe, o Instituto de Pesquisas Espaciais, de São José dos Campos, no interior de São Paulo, produziu outra evidência entusiasmante. Ao longo do ano que passou o ritmo de desmatamento em quase todos os pontos da Amazônia teria caído cerca de 50%.

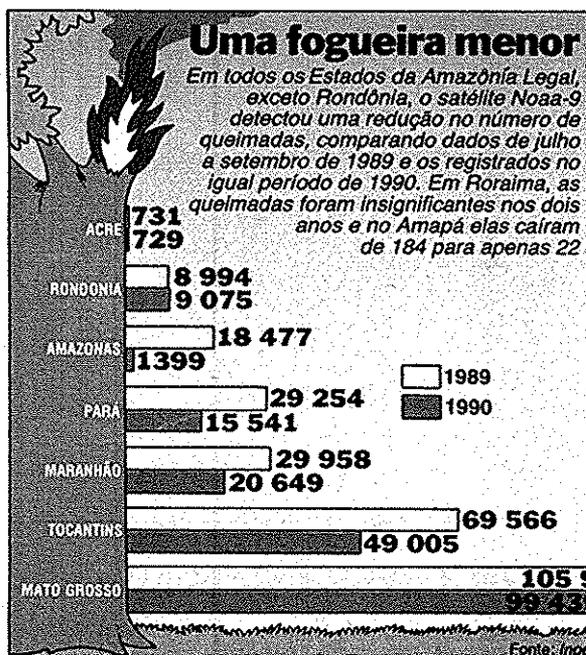
“Ainda não temos dados exatos”, afirma Tânia Munhoz, presidente do Ibama — Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis —, o órgão federal encarregado de proteger a região. “Mas, segundo as estimativas, a área virgem devastada no ano passado foi de aproximadamente 10 000 quilômetros quadrados. Ao longo de 1989 devastou-se

mais do dobro, cerca de 21 000.” Pelas suas dimensão e repercussão, a destruição da Amazônia parecia um problema insolúvel. A comunidade científica e política mundial chegou a sugerir, três anos atrás, que somente um mutirão internacional poderia salvar a região do desastre. No entanto, os fatos apresentados na semana passada demonstram que, se não foi resolvido, o problema está pelo menos bem encaminhado. Bastaram providências simples, mas eficazes.

Chamas apagadas

Multas e fiscalização estão fazendo efeito na diminuição do ritmo de desmatamento na Amazônia

A ocupação das florestas tropicais da Amazônia tirou o sono do mundo e deixou a impressão de que as queimadas e os desmatamentos na região eram um problema grande e complexo demais para que os próprios brasileiros pudessem cuidar dele. Na semana passada, os dados mais recentes enviados do espaço pelo satélite Noaa-9, um observatório eletrônico americano que periodicamente fotografa a região, mostraram que ao contrário do que os cruzados internacionais da luta ecológica pensavam os brasileiros estão sendo capazes de enfrentar a questão com sucesso. O Noaa-9 informou que o número de queimadas ocorridas na Amazônia no período de julho a setembro do ano que passou foi 25% menor do que no mesmo período de 1989. Também o desmatamento dimi-



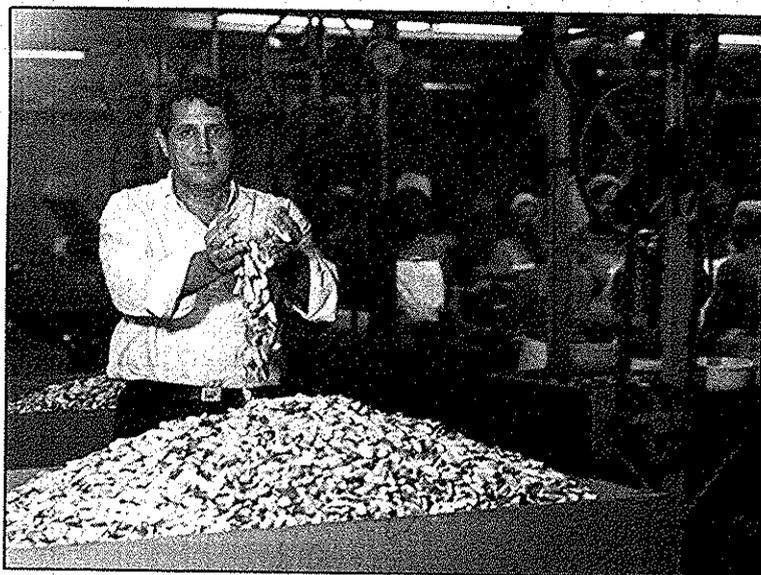
FLAGRANTE — Uma delas foi a criação da Operação Amazônia, de combate às queimadas, com uma logística que pressupõe um perfeito entrosamento entre o Ibama e o Inpe. A parceria tem funcionado de maneira exemplar. O Inpe repassa diariamente ao Ibama imagens do satélite Noaa-9, que mostram onde existem focos de queimada. De posse desses dados, o Ibama age imediatamente contra os responsáveis por desmatamentos e queimadas, ajudado por helicópteros da Força Aérea Brasileira e da Polícia Federal. No ano passado, o Ibama fez um acordo com os nove Estados que compõem a chamada Amazônia Legal para utilizar carros e pessoal das polícias estaduais na

Povos Indígenas no Brasil

Fonte Veja Class.: 109
 Data 09/01/91 Pg.: 44-45

fiscalização da Amazônia. Em troca, passou a ceder aos Estados 70% do valor arrecadado com as multas aplicadas em ateadores de fogo e devastadores de todo o tipo. Esse truque permitiu que o Ibama colocasse em ação mais de 1 000 homens, três vezes mais do que seu efetivo fixo. O exército de fiscais permitiu uma arrecadação, aos cofres do instituto, de 9 milhões de dólares, 60% superior à registrada no ano anterior.

Para chegar aos desmatamentos ilegais, o Ibama também articulou uma rede de recebimento de denúncias anônimas por chamada telefônica a cobrar ou por meio de carta — o instituto também paga o selo. Esse sistema permitiu algumas atuações notáveis. Em setembro do ano passado, por exemplo, fez o maior flagrante já registrado na Amazônia. A partir de uma carta anônima, o Ibama soube que 1 800 hectares de floresta nativa estavam sendo desmatados em Rondônia. Seu autor, o fazendeiro João Arantes Junior, teve que pagar ao instituto 2,5 milhões de cruzeiros em moeda de hoje. Foi também o recorde em multa aplicada. Outra estratégia simples e eficiente adotada pelo instituto consistiu em diminuir a emissão de guias de desmatamento, cuja concessão a lei autoriza quando alguém comprova a sua necessidade para um projeto de colonização. Somente no Pará, por exemplo,



Délio Mutran: mais castanhas depois do fim da fumaça

o número de guias emitidas caiu de 1 150 em 1989 para apenas 150 no ano passado. Com esses resultados, o Ibama se candidata ao título de uma das raras criações do governo Sarney que deram certo. “Não recebemos na época nenhuma ajuda internacional de vulto e mesmo assim cumprimos nossa missão”, disse Fernando César Mesquita, o idealizador do Ibama e seu presidente durante o governo Sarney. Mesquita, que hoje é assessor de ecologia da Rede Globo, concebeu o sistema de multas pesadas e fiscalização implacável que rendeu bons frutos.

CASTANHAS — Dois fatores circunstanciais, ocorridos no ano passado, ajudaram o Ibama a enfrentar o desmatamento amazônico. O primeiro deles foi a retenção dos

cruzados novos, promovida pelo Plano Collor. “A falta de dinheiro na praça diminuiu os investimentos de um modo geral”, diz o ecólogo americano, radicado no Brasil, Philip Fearnside. “Muitos projetos econômicos implicam desmatamento.” A segunda ajuda foi a mão de São Pedro. “Tivemos um inverno bastante chuvoso e um verão tímido, também com chuvas”, afirma o ecologista Camilo Viana, da Sociedade de Preservação dos Recursos Naturais da Amazônia. O fato é que a redução dos focos de queimada começa a dar retornos concretos. Depois de cinco anos em crise, a produção de castanhas do ano passado foi um recorde — 38 000 toneladas, 35% superior à de 1989. No Polígono dos Castanhais, uma das áreas mais atingidas pelas queimadas em anos anteriores, a produção pulou de 300 toneladas em 1989 para 10 000 toneladas no ano passado. Uma das explicações para esse salto aritmético foi justamente a redução das queimadas. Explica-se. A fumaça das queimadas expulsa o inseto responsável pela polinização das castanheiras e as árvores não produzem. Isso prova que, na Amazônia, a floresta de pé é mais rentável do que qualquer outra atividade”, sustenta o presidente da Associação dos Exportadores de Castanha do Brasil, Délio Mutran. “E que, embora muitos digam o contrário, a Amazônia tem salvação.”

Xeretas do espaço

As imagens registradas pelos satélites americanos são a base para o trabalho desenvolvido pelo Ibama. Uma vez por dia o satélite Noaa-9 faz uma fotografia que abrange todo o território brasileiro e a envia para o Inpe na forma de ondas eletromagnéticas, que o computador do Inpe decodifica. Ao contrário das fotografias normais que fixam a luz visível, as imagens dos satélites trabalham com uma luz invisível ao olho humano, o

infravermelho. A vantagem é que, assim, conseguem distinguir variações de calor. Temperaturas acima de 47 graus centígrados ficam na foto com uma coloração preta. É por isso que o Noaa-9 consegue detectar queimadas. Basta um volume equivalente a meia dúzia de árvores em chamas para que o satélite capte a quantidade de calor emitido.

A limitação do sistema do Noaa-9 é que ele

é incapaz de dizer com precisão onde está o foco do fogo e qual a área atingida. Já o sinal enviado pelo satélite Landsat permite uma definição precisa das áreas desmatadas da floresta.



Queimada: flagrante

Ao contrário do Noaa-9, que é do tipo geostacionário — ou seja, permanece numa órbita fixa sobre o Equador a 36 000 quilômetros de altitude, o Landsat gira em torno da Terra numa órbita polar, centenas de quilômetros acima da atmosfera. Ricas em detalhes, suas fotos permitem localizar um Boeing estacionado num aeroporto ou uma área desmatada, mesmo que ali não tenham ocorrido queimadas.